

# Notas para a criação de uma área transdisciplinar dos estudos latinoamericanos de comunicação

*As formas comunicativas digitais indígenas: redes transespecíficas e práticas ecológicas não ocidentais*

O PRESENTE DOSSIÊ APRESENTA a progressão dos estudos realizados inicialmente no Centro Internacional de Pesquisa Atopos e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP, que, a partir da primeira década dos anos 2000, começaram a analisar e monitorar as interações digitais desenvolvidas pelos povos indígenas no Brasil. Pioneiras na América Latina e no Brasil, essas investigações, que ao longo do tempo se expandiram e atraíram a adesão de pesquisadores de diversos estados e de vários povos indígenas, fundamentam hoje a abertura de uma área transdisciplinar de estudos sobre as práticas indígenas digitais de comunicação e conectividade. Essa área não se configura como um “campo” disciplinar, mas como uma convergência de abordagens oriundas de diversas áreas do conhecimento, objetivando promover o desenvolvimento e o aprimoramento por meio de sua confrontação com saberes não ocidentais, seja nos estudos da teoria da comunicação contemporânea e da teoria do social, seja nos âmbitos filosófico, da saúde, da botânica, da educação, da antropologia e, sobretudo, em relação aos significados atribuídos à tecnologia e ao meio ambiente. A confrontação e o diálogo com saberes não ocidentais e suas complexas interações e conectividades podem beneficiar áreas de conhecimento distintas, proporcionando, entre outras coisas, o questionamento de suas delimitações e fronteiras disciplinares.

O processo de digitalização das aldeias e dos povos indígenas, que começou nos anos 2000, no Brasil, com o advento da banda larga e de políticas públicas de inclusão digital, vem, atualmente, constituindo-se na expansão e na consolidação de diversos tipos de redes. Se, num primeiro momento, tal processo ocasionou a tomada da palavra, o ativismo e o empoderamento dos povos da floresta, presentemente, com o advento dos satélites, de sensores e da Internet of Things, estendeu a conectividade ao meio ambiente, permitindo novas práticas ecológicas desses povos por meio do monitoramento, da preservação e da defesa

<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v19i3p1-8>

digital de seus territórios. Como evidenciado em diversos estudos realizados nas últimas duas décadas pela linha de pesquisas Tekó do Centro Internacional de Pesquisa Atopos, da Universidade de São Paulo, o processo de digitalização das aldeias, diferentemente das experiências urbanas e ocidentais, inseriu-se em um contexto pancomunicativo, no qual coisas, plantas, animais e espíritos compõem um social reticular, caracterizado por arquiteturas comunicativas transespecíficas. Estas, mais que baseadas em modelos comunicativos disseminativos e midiáticos, apresentam-se como redes híbridas e emergentes, através das quais é possível transitar entre espécies diversas e habitar, ao mesmo tempo, como nos contextos xamânicos, em múltiplas formas.

Mais que uma prática informativa e externa, o polimorfismo dessas formas comunicativas conectivas exprime, entre as demais, qualidades metamórficas (Coccia, 2021), transitórias (Perniola, 1989) e transubstanciativas (Di Felice, 2020).

Antes da internet das coisas, dos satélites, dos sensores e da digitalização do território, essas populações já habitavam um mundo conectado e um social polimorfo, não composto apenas por atores e sujeitos humanos, mas constituído por redes formadas por entidades diversas, humanas e não humanas, e por ecologias conectadas (Di Felice & Pereira, 2017).

O estudo das práticas e dos processos de digitalização em aldeias e territórios indígenas, ao levar em conta suas especificidades e suas matrizes epistêmicas não ocidentais, ocasiona, no âmbito dos estudos latino-americanos, a possibilidade do surgimento de uma concepção conectiva e decolonial do social e da ideia de comunicação. O estudo desses processos e das práticas comunicativas pode ocasionar o aparecimento de uma virada epistêmica no âmbito das humanidades que, fundamentada nas morfologias híbridas e não antropocêntricas dos diversos povos indígenas latino-americanos, possa ajudar a compreender o significado da conectividade contemporânea, contribuindo, de maneira original, para o debate científico mundial.

O campo de estudo dos processos e das práticas de digitalização dos povos indígenas tem como objetivo somar pesquisa e contribuições teóricas, indígenas e não indígenas, para a construção de uma ideia decolonial, transespecífica e conectiva da comunicação.

Conforme apresentado no conjunto de artigos que compõem esta coletânea, o processo de digitalização das aldeias e dos povos indígenas, que se desenvolveu ao longo dos últimos vinte anos no Brasil, ocorreu em um contexto cultural “pancomunicativo” e “multinaturalista” (Viveiros de Castro, 2013), distinto daquele ocidental, no qual plantas, objetos e animais se comunicavam com os humanos como membros da mesma comunidade. Sensores, internet das coisas, satélites

e redes sociais digitais deram, assim, formato digital às já pré-existentes redes transespecíficas, criando outro tipo de complexidade conectiva que expandiu e ressignificou as dimensões dos ecossistemas, já comunicantes e interagentes.

Essa especificidade coloca em evidência a questão da não uniformidade dos processos tecnológicos e a dimensão não universal da técnica. O equívoco da episteme ocidental em conceber, ao longo dos séculos, a técnica como uma categoria universal (Hui, 2020) tornou-se, hoje, um obstáculo para a compreensão da conectividade e das especificidades dos processos digitais produzidos entre os povos indígenas, assim como entre as diversas culturas que compõem o mosaico da heterogeneidade cultural e linguística da América Latina e do mundo.

A abertura de uma área de estudos e práticas comunicativas digitais dos povos ameríndios se insere em um momento crítico da reflexão sobre o futuro da tecnologia, impulsionada pelo advento da inteligência artificial, das redes neurais automatizadas, da bioinformática, dos Large Language Models e de todas as formas de um novo protagonismo tecnológico, diante do qual a concepção tecnológica instrumental, produzida pela episteme ocidental, torna-se evidentemente inadequada.

Nesse contexto, os processos de digitalização e informatização das aldeias e dos territórios indígenas, além de suas dimensões socioantropológicas, relacionadas ao empoderamento e ao protagonismo cultural e econômico que tais tecnologias têm proporcionado a essas populações, assumem o significado específico de uma importante ruptura no paradigma epistêmico hegemônico dos estudos da comunicação. Essa ruptura se apresenta como uma virada qualitativa que não diz respeito apenas à dimensão fenomenológica das práticas comunicativas, relativas aos estudos semióticos e de conteúdo, ou àquelas midiáticas de impacto ou recepção, mas atinge a dimensão mais profunda da própria ideia de comunicação e de seu significado.

A digitalização dos âmbitos conectivos e transespecíficos dos ecossistemas indígenas nos oferece, no contexto contemporâneo datificado, programado, automatizado e simulado, a oportunidade de formular a pergunta “o que é a comunicação?”. Ao mesmo tempo, essa questão ecoa como uma acusação irrefutável à ideia simplista, instrumental e mercadológica da comunicação midiática, que, em seu absolutismo antropocêntrico, desconsiderou completamente as dimensões ecológica, ambiental e não humana.

A origem desse processo, que culmina na proposta de abertura de uma nova área de estudos, começou no âmbito das pesquisas sobre redes e conectividade no Centro Internacional de Pesquisa Atopos (USP). O primeiro passo foi a realização de dois seminários com o intuito de reunir as principais produções digitais indígenas em desenvolvimento no Brasil naquele momento. O primeiro,

“Mídias Nativas”, foi realizado em conjunto com o Núcleo de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Tucci Carneiro, na antiga Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), no Departamento de História e no Sesc Paulista, em 2006, e contou com a presença de videomakers, blogueiros e ativistas digitais indígenas que se destacavam em suas atuações nos contextos digitais. O segundo “Mídias Nativas” foi realizado em 2008, no Centro Cultural São Paulo (CCSP), e contou, além dos comunicadores indígenas, com a participação de jovens comunicadores da periferia de São Paulo. Esses dois eventos criaram uma rede de contatos e experiências que se consolidaram nos estudos e investigações desenvolvidas nesse período inicial.

Destaca-se a pesquisa de mestrado realizada nesse período, “Ciborgues indígen@s.br: a presença indígena brasileira no ciberespaço” (2005–2007), da pesquisadora Eliete Pereira, defendida no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, atualmente Departamento de Estudos Latino-Americanos, na Universidade de Brasília, posteriormente publicada em 2012 pela Editora Annablume. A tese de doutorado da pesquisadora (2013), defendida no PPGCOM-ECA/USP, expandiu a reflexão sobre a digitalização da localidade digital por meio da análise comparativa da experiência da ecologia comunicativa xamânica Ashaninka (Acre). Em seguida, começou uma segunda fase dos estudos sobre a digitalização dos povos indígenas no Atopos, caracterizada pela criação de uma linha de pesquisa específica denominada Tekó. Essa linha expandiu a rede de relações, realizou intercâmbios em Terras Indígenas, seminários e publicações.

Dessa fase, destacam-se a pesquisa de Fernanda Moreira sobre as redes xamânicas e a contribuição para uma ideia de ecologia comunicativa (2014) e a de Thiago Franco sobre a conectividade do habitar comunicativo Krahô (2019). Em uma terceira fase, a linha de pesquisa sobre a digitalização indígena realizou outras investigações junto aos Ikpeng (Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso), Suruí Paiter (Terra Indígena Sete de Setembro, Rondônia), Sateré-Mawé (Baixo Amazonas), entre outros. Os resultados desses estudos foram reunidos e publicados na obra *Redes e ecologias comunicativas indígenas: A contribuição dos povos originários à Teoria da Comunicação* (2017), organizada por Massimo Di Felice e Eliete da Silva Pereira. A partir da evolução das práticas de conectividade e do processo de digitalização, começaram a ser analisadas as contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento de uma ideia não ocidental, conectiva e ameríndia de comunicação, inspirada nas práticas pancomunicativas desses povos.

As contribuições reunidas neste dossiê mostram o estado atual desse percurso de pesquisa, que agora apresenta as valiosas contribuições de estudiosos

e pesquisadores indígenas. Neste momento de crise da episteme ocidental e da ideia de comunicação instrumental e midiática, fica evidente a importância desses estudos, que, a partir das visões, contribuições e pontos de vista indígenas, propõem-se a colaborar para a construção de uma ideia conectiva de comunicação latino-americana, que não seja exclusivamente ocidental nem limitada às interações entre humanos e tecnologias.

As contribuições dos artigos aqui reunidos — a maioria escrita em coautoria com pesquisadores e autores indígenas — diferenciam-se dos relatos etnográficos tradicionais, pois não têm como objetivo relatar apenas as características e práticas comunicativas de “outras” culturas a partir do olhar e dos paradigmas do nosso saber. Tampouco buscam um relato “purista”, que descreva, pela voz direta de alguns pesquisadores indígenas, a essência autêntica do comunicar desses povos. Nossa opção é outra e se inspira no formato simpoiético e metamórfico das tecnologias conectivas, além de na complexidade híbrida da formação dos povos brasileiros e latino-americanos.

Somos ocidentais; a cultura acadêmica, nossas argumentações e o saber científico também o são. Como lembrou M. Heidegger, “nossa maneira de fazer perguntas é grega”, e jamais conseguiremos nos tornar aquilo que não somos. Tentar ultrapassar os limites do pensamento e da episteme ocidental não significa, portanto, buscar sua completa anulação, mas sim a possibilidade de sua hibridização e alteração a partir do diálogo com as culturas e mundos que resistiram e sobreviveram historicamente à sua dominação cultural.

Nos contextos de crise da linguagem moderna, desafiados pelo protagonismo social dos não humanos e pelo surgimento de novos e poderosos atores sociais, como o vírus, o clima e a inteligência artificial, repensar a técnica, a ideia de comunicação, a complexidade e o formato do social, a conectividade e as interações com o meio ambiente, a partir do diálogo com as populações indígenas, torna-se uma grande oportunidade.

A abertura de uma área de estudo sobre a comunicação digital indígena pode oferecer à comunidade acadêmica latino-americana a oportunidade de criar uma perspectiva original, capaz de reposicionar, em nível internacional, as especificidades das contribuições dos estudos de diversas áreas do nosso subcontinente.

O conjunto de artigos aqui apresentado, escritos em colaboração com pesquisadores indígenas, mostra a qualidade “transdisciplinar” dessa área de estudo. A qualidade interdisciplinar que naturalmente acompanha os estudos sobre a comunicação, as redes e as tecnologias digitais é aqui enriquecida pela introdução de formas de conhecimento não acadêmicas nem tradicionalmente ocidentais, que estendem a análise para além do diálogo entre as diversas disciplinas.

Reunimos aqui dez trabalhos fundamentais que reposicionam o campo da comunicação a partir de epistemologias, ontologias e práticas indígenas, deslocando o olhar da mídia como instrumento para a comunicação como ecologia relacional. Massimo Di Felice inaugura o dossiê criticando a concepção ocidental da técnica e propondo o habitar tecnológico, onde comunicação é uma propriedade do ambiente, emergindo da co-existência entre humanos, máquinas e naturezas, em diálogo com as cosmotécnicas ameríndias. Em seguida, Eliete da Silva Pereira analisa os estudos sobre a comunicação digital indígena no Brasil que versam entre a apropriação e incorporação tecnológica, essa última derivada das cosmologias, das corporiedades e das relações próprias com seus territórios.

A dimensão cosmológica é aprofundada por Eli Borges Jr e Fernanda Cristina Moreira, que apresentam a comunicação xamânica como matriz epistemológica alternativa às teorias ocidentais lógico-transmissivas, destacando sua natureza metamórfica, transespecífica e polimórfica. Ainda no plano teórico, Thiago Franco, Josias Ferreira de Souza (Povo Sateré-Mawé) e Taynnara Franco contrapõem a “cosmofagia” ocidental à cosmologia Sateré-Mawé, evidenciando os saberes rituais e o guaraná como tecnologias comunicantes que resistem à prototipação universalista do Ocidente.

Marina Magalhães, Ana Beatriz Viana de Melo e Cláudia Ferraz (Povo Wanano) analisam o net-ativismo da Rede Wayuri no Alto Rio Negro, demonstrando como narrativas digitais articulam alianças entre humanos, espíritos, florestas e tecnologias. Marcelo Rodrigo da Silva, Iranilza Cinésio Gomes Félix e Luiz Manoel Pereira Filho apresentam a ecologia comunicativa dos Potiguara, onde sonhos, encantados e territórios atuam como sistemas vivos de saber e comunicação. Já Thiago Allan Ribeiro, Katêjuprêrê Burjack Parkrekapare (Povo Akrotikatêjê) e André Demarchi mostram como os Gavião do Pará indigenizam o rádio, a telefonia e a internet, reconfigurando essas tecnologias em direção à sua autonomia e aos campos de disputa interna.

No cruzamento entre arte e ancestralidade, João Dantas dos Anjos Neto, Marcos Costa de Freitas e Kamani Waurá (Povo Waurá) discutem a pintura corporal xinguna e sua expansão para espaços digitais, evidenciando tensões geracionais e reinvenções simbólicas. Anápuaka Tupinambá Hãhãhãe, pioneiro comunicador indígena no país do povo Tupinambá e Pataxó Hãhãhãe, apresenta a etnomídia como movimento histórico de retomada narrativa, com iniciativas como a Rádio Yandê, a primeira rádio web do país.

Por fim, na entrevista conduzida por Evandro J. M. Laia e Lara Linhalis Guimarães, Denilson Baniwa nos brinda com suas reflexões, como artista-xamã e hacker da arte, traduzindo mundos e tensionando o cânone por meio de

práticas rituais, digitais e estéticas. Em 2025, no contexto da 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-30), realizada em Belém, Denilson Baniwa atua como cocurador, ao lado de Leandro Varison, da exposição *Amazônia – Créations et futurs autochtones*, no Museu Quai Branly, em Paris, França. Construída sob a perspectiva de seus habitantes, os povos indígenas, a mostra — em cartaz de 30/9/2025 a 18/1/2026 — apresenta a Amazônia como um território vivo e plural, onde seres humanos, espíritos, florestas e tecnologias se entrelaçam em contínua criação e transformação. Assim como seus povos originários, a Amazônia emerge como um centro comunicativo-conectivo, irradiando inovação e futuro.

Em conjunto, os textos revelam que comunicar, no horizonte indígena, é existir-com — gesto que reposiciona a ideia de comunicação como ecologia conectiva, e não como uma mídia ou como uma instrumentalidade.

A introdução de pontos de vista provenientes das culturas e linguagens das populações indígenas, ao se misturarem com o saber produzido em diversas áreas do conhecimento, tem como efeito a ampliação e a transformação dos conteúdos acadêmicos por meio da criação de uma linguagem híbrida, não mais construída exclusivamente sobre a matriz ocidental.

A natureza transdisciplinar dessa operação representa, epistemológica e historicamente, uma vitória parcial da resistência indígena e uma derrota para a civilização ocidental que, impulsionada por sua fé, verdades absolutas, interesses e razão ordenadora, expandiu-se pelo mundo, (des)classificando tudo o que lhe era diferente. ■

*Massimo Di Felice*

*Eliete da Silva Pereira*

*Thiago Franco*

*Josias Ferreira de Souza (Povo Sateré-Mawé)*

## REFERÊNCIAS

- Coccia, E. (2021). *Metamorfoses*. Dantes.
- Di Felice, M. (2020). *A cidadania digital*. Paulus.
- Di Felice, M., & Pereira, E. S. (2017). *Redes e ecologias comunicativas indígenas: As contribuições dos povos originários à teoria da comunicação*. Paulus.
- Franco, T. (2019). *Ameríndios conectados: As formas comunicativas de habitar e narrar o mundo, de acordo com as imagens dos modernos e dos Krahô* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.

- Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade*. Ubu.
- Moreira, F. C. (2014). *Redes xamânicas e redes digitais: Por uma concepção ecológica de comunicação* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.
- Pereira, E. S. (2012). *Ciborgues indígen@s.br: A presença indígena brasileira no ciberespaço*. Annablume.
- Pereira, E. S. (2013). *O local digital das culturas: As interações entre culturas, mídias digitais e território* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.
- Perniola, M. (1989). *Transiti: Come si va dallo stesso allo stesso*. Cappelli Editore.
- Viveiros de Castro, E. (2013). *Metafísicas canibais*. Cosac Naify.